

O MUSEU DA LUZ

O Museu da Luz deve a sua origem à construção da barragem do Alqueva. Este dado singular exige especial atenção na formulação das suas linhas estruturais basilares. Instituído como testemunho radical de uma aldeia sepultada pelas águas dessa barragem, as atribuições e acções que deverá assumir e desenvolver alcançam uma dimensão que transcende o âmbito de qualquer museu regional normal. Nesse aldeamento recriado, o museu deve ser o agente activo e participativo, o interventor qualificado no diálogo ou debate desse momentoso processo, constituindo-se como um espaço privilegiado de reencontro com o passado comum, num equipamento cultural que participe no desenvolvimento da comunidade local e que, através de um processo interactivo, possa projectar reflexões e experiências de valorização de práticas decorrentes do novo contexto emergente. Neste texto explana-se a filosofia que presidiu à concepção do que virá a ser o novo Museu da Luz e os conteúdos que se projectam para essa unidade, vista como um pólo confortante que poderá ajudar os luzenses a minimizar e ultrapassar a dor do abandono dos seus territórios individuais e sociais.

Benjamim Pereira *

O Museu da Luz deve a sua origem à construção da barragem do Alqueva. Este dado singular exige especial atenção na formulação das suas linhas estruturais basilares. Instituído como testemunho radical de uma aldeia sepultada pelas águas dessa barragem, as atribuições e acções que deverá assumir e desenvolver alcançam uma dimensão que transcende o âmbito de qualquer museu regional normal.

Nesse aldeamento recriado, o museu deve ser o agente activo e participativo, o interventor qualificado no diálogo ou debate desse momentoso processo, constituindo-se como um espaço privilegiado de reencontro com o passado comum, num equipamento cultural que participe no desenvolvimento da comunidade local e que, através de um processo interactivo, possa projectar reflexões e experiências de valorização de práticas decorrentes do novo contexto emergente.

O museu deve ser pólo unificador e identitário essencial e ainda dinamizar, centralizar e ordenar actividades culturais e lúdicas, em relação com as sinergias que o elemento água vai passar a oferecer. A selecção judiciosa dos testemunhos verdadeiramente significativos exigiu um trabalho moroso,

* Museólogo.

complexo e muito sensível. Como observou lapidarmente Maria Olímpia Lameiras-Campagnolo, é decisivo “preservar com as pessoas, para as pessoas – elas próprias bens por excelência de toda e qualquer cultura – e não preservar contra as pessoas ou à sua revelia, ou na sua ignorância” (Lameiras-Campagnolo s.d.: 35).

O projecto tem decorrido num âmbito científico alargado, conjugando a participação de um museólogo, um antropólogo, técnicos audiovisuais, um fotógrafo, um arquitecto paisagista e um historiador, num diálogo consequente com a equipa de arquitectos projectistas do museu.

Os testemunhos que foram identificados e disponibilizados pelas pessoas constituem agora o *corpus* material definitivo com que esta unidade pode contar. A totalidade desta documentação é extremamente fragmentária na sua unidade funcional e orgânica. Posta de lado pelas contingências das profundas mudanças ocorridas a partir da década de 1950, apresenta-se agora sob uma estrutura esfiapada, que exige, para se validar no presente, uma extrema atenção, retendo das pessoas que maneжaram e até por vezes fabricaram esses artefactos relatos vivenciais que permitam transcender o seu significado formal e funcional extreme. Demos por isso especial atenção a este aspecto, e certas situações foram mesmo evocadas nos locais de origem e registadas em vídeo, como, por exemplo, a permanência de um pastor com a mulher e três filhos, durante oito anos, junto de uma malhada de porcos, em condições de vida hoje inimagináveis; ou o trabalho num telheiro – havia seis na aldeia – onde se produziam os materiais (telha, tijolo, baluarte, baldosa) que serviram para a construção de muitas das casas da Luz. Deste acervo documental destacam-se alguns elementos pela importância do papel que representaram e memórias que transportam. É o caso, por exemplo, do carro de bois, desaparecido completamente. A nossa persistente busca foi compensada pelo encontro de um exemplar num dos montes, que havia sido construído pelo abegão da Luz, ainda vivo. O proprietário, que o mantinha como um símbolo do passado agrário, num raro gesto de compreensão da importância desse testemunho no futuro museu, acedeu a dispensá-lo.

Planeamento de exposições

De posse dos resultados finais do levantamento sistemático dos testemunhos materiais significativos da aldeia da Luz, propõe-se para a inauguração um programa expositivo que contemple o aproveitamento das três salas planeadas para o museu: sala da Luz, sala da memória, e sala de exposições temporárias.

Sala da Luz

Utilizando uma linguagem mista (objecto, texto, imagem) os testemunhos evocados ganham valor de símbolo para assinalar a presença do homem neste lugar num tempo longo: a pedra de altar do Castelo da Lousa, além de outros elementos arqueológicos; figuração do mito da formação da aldeia, expresso no mural da igreja, além de documentação histórica pertinente do século XVI (Livro de Visitação) e século XVIII (Memórias Paroquiais e Registos Paroquiais); restituição da paisagem que foi palco da vida dos habitantes da Luz antes da submersão pela barragem do Alqueva.

Sala da memória

Tendo em atenção que as pessoas são elas próprias bens por excelência de toda e qualquer cultura, os luzenses terão aqui um espaço privilegiado para diálogos abertos e interactivos sobre temas do passado, presente e futuro. Os registos audiovisuais elaborados no âmbito deste projecto constituem uma sólida base para ulteriores desenvolvimentos e actualização dessa memória colectiva da aldeia, que aqui irá sendo também arquivada. Três actividades fundamentais da aldeia serão aqui apresentadas, como segue.

1) O fabrico da taipa, técnica de construção à base de terra, de grande relevo em certas regiões do mundo e que foi praticamente exclusiva nas construções da aldeia da Luz. Nos vários telheiros inscritos na periferia da aldeia, produziam-se os elementos complementares da cobertura – a telha – e dos pavimentos e divisórias.

2) Oficina do ferreiro: as técnicas do ferro constituíram um capítulo muito importante no quadro de auto-subsistência que caracterizava o modo como as pessoas respondiam às exigências decorrentes do trabalho fundamental da terra. Infelizmente, as instalações que asseguravam a produção desses equipamentos caíram em desuso há várias décadas e delas restam apenas fragmentos com os quais se tem de tentar restituir esse quadro de diálogo do homem com o ferro. Assim, através de um fole de ferreiro, de uma máquina de furar, de uma safra e bigorna e outros utensílios, será evocado esse trabalho que pode ainda ser animado pelo relato vivencial de um dos últimos ferreiros em cena.

3) Oficina do abegão: como no caso anterior, os artefactos em madeira que serviam as actividades agrárias detinham em geral um lugar da maior importância no quadro das produções artesanais locais. O declínio do velho mundo rural, varrido pelo processo de mecanização que se implantou decisivamente a partir dos anos 60, silenciou também estes artesãos. O núcleo representativo desta actividade, pertencente a um abegão da aldeia ainda vivo, permite sublinhar com alguma coerência orgânica o que foi essa actividade e transmitir para a posteridade um conhecimento que, verbalizado por esse mestre, ganha uma dimensão memorável.

Sala de exposições temporárias: a terra, ocaso de uma relação milenar

A escolha deste tema para inaugurar o ciclo das exposições temporárias do Museu da Luz é como uma prática de exorcismo que encerra um longo e complexo percurso. Técnicas e utensilagem relacionadas com a agricultura, os transportes, o pastoreio, a pesca, o fabrico do pão, do vinho, do azeite, do mel, etc. mantiveram-se ao longo de milénios e desapareceram completamente de cena no último quartel do século XX. É o caso, por exemplo, do arado de pau, que vem dos primórdios da agricultura qualificada; do trilho, que reteve a forma do *plostellum* dos romanos; do carro de parrelha, semelhante ao *plaustum*, igualmente romano; do pote do vinho, perfeitamente na linha e continuidade funcional dos *dolia*; dos cortiços, que trazem até aos nossos dias essa técnica das sociedades recolectoras. Este discurso expositivo obedecerá a uma estrutura em que os vários capítulos temáticos encontrarão uma articulação coerente que permitirá a apreensão daquilo que foram as formas fundamentais da vida das gentes que viveram nos três últimos quartéis do século passado.

A sala de exposições temporárias constitui o campo dinâmico aberto à variedade dos mais insuspeitados problemas. Seria desejável que a exposição imediata a ter lugar neste espaço abordasse a temática da água, substituindo a anterior, ligada à terra, de modo a compor esta unidade bipolar terra/água e a sublinhar a importância deste novo elemento na vida e na paisagem circundante da Luz.

BIBLIOGRAFIA

LAMEIRAS-CAMPAGNOLO, Maria Olímpia, s.d., *O Museu de Alcobaça: um Museu de Província?*, inédito.